

UMA ESPERA INJUSTA

Fotos: Edson Gê

Cibelle Colmanetti
Da equipe do **Correio**

Ira ao Fórum de Ceilândia requer paciência. Não bastassem as filas de banco, hospital, supermercado, cartório e banheiro público, os ceilândenses têm de agüentar muito tempo para resolver seus problemas com a justiça. Ou apenas casar. Nos horários de pico, entre 13h30 e 14h30, cerca de 400 pessoas aguardam na fila pelo atendimento. Pouco menos da metade espera à sombra, já dentro do prédio. A maioria sofre ao sol e de pé.

Por dia, aproximadamente duas mil pessoas são atendidas no Fórum de Ceilândia, onde se concentram os serviços de casamento, defensoria, promotoria, juizados informais, casa do cidadão, além da 3ª Vara de Família e do TRE. O local é aberto ao público das 12h às 19h, mas as filas se iniciam por volta das 11h30. Às terças e quintas — quando são realizadas as cerimônias de casamento no civil —, o movimento aumenta.

“Além de pagar para casar (R\$ 53), ainda tenho de enfrentar fila”, reclama a estudante da 8ª série, Mônica de Souza Costa, 17 anos. Moradora da Expansão do Setor O, ela aguarda a hora de entrar no edifício. Acompanhada das testemunhas, convidados e do noivo Genilson Mendes da Silva, 22 anos, ainda se preocupa com a possibilidade de sair do Fórum sem a aliança no dedo esquerdo. “Nem meu pai nem minha mãe vieram, será que não vou poder casar?”, teme.

O noivo Genilson, que trabalha com letreiros luminosos, espera na fila enquanto Mônica procura um pouco de sombra para manter-se mais arrumada. Afinal, é preciso conservar a maquiagem intacta apesar do sol inclemente das 14h10 da última terça-feira.

Conformado com a fila, Genilson se preocupa com o jantar de comemoração pelo casamento,



Apenas três funcionários fazem o trabalho de identificação do público e processamento dos dados para o sistema informatizado do Fórum de Ceilândia, que funciona das 12 às 19h

marcado para as 19h. O atraso parece inevitável. “Do jeito que a gente está aqui, ainda na fila ao invés de estar casando, o jantar só sai lá pelas oito e meia”, prevê.

SOMBRINHA

Munida de sombrinha e óculos de sol, Neusa Alves de Oliveira, 42 anos, se impacienta com a longa fila que precisa enfrentar para justificar o voto. Pelo menos, consegue driblar o calor da tarde. A medida foi pensada depois de um dia inteiro sob o sol, fazendo propaganda para um candidato. “Uma fila desse tamanho só pode significar uma coisa: uma bruta falta de consideração com o público”, diz.

O sol quente não é o único fator que incomoda quem tem de esperar em média 40 minutos para entrar no Fórum e ser encaminhado para a área específica. Como o atendimento só começo às 12h,

muita gente escapa do trabalho e atrasa o almoço para tentar resolver as pendências jurídicas.

A fome, o calor e a secura acabam provocando quedas bruscas de pressão arterial e desmaios. Apesar de haver tomado café da manhã, a vendedora do Baú da Felicidade, Michele Alves Franco, 21 anos, não agüentou a e desmaiou em pleno Fórum. Imediatamente levada ao serviço médico, ela foi intimada pela auxiliar de enfermagem a comer algo. “Se ela não comer nada, a pressão continuará baixa e ela vai desmaiá de novo”, avisa a funcionária do posto Graça Barros.

Segundo a auxiliar de enfermagem, episódios semelhantes ocorrem todos os dias. A causa de quase todos é a fome. “A grande maioria das pessoas que passam mal vem da Defensoria”, afirma. “Em geral elas são mais carentes e se



Neusa de Oliveira: sombrinha para fugir do calor enquanto aguarda fora do prédio

alimentam mal porque não têm como comer melhor”, complementa.

A supervisora do Fórum Severina Eugênia Silva afirma que a instituição está estudando formas de minimizar o problema, muitas vezes agravado por dois fatores: a porta giratória — que faz com que a entrada seja feita individualmente e, por lógica, de modo mais demorado — e a deficiência de pessoal para fazer a identificação e os encaminhamentos dos processos.

Dois funcionários são responsáveis pelo trabalho de inserir os dados do público no sistema de computador. Atualmente, mais um servidor — cedido pelo Setor Central de Identificação do TJDF — auxilia o serviço. Mesmo assim, a tarefa não corre tão rápida.

“Já pedimos ao Tribunal mais funcionários e equipamentos, mas

precisamos esperar por concursos, além de licitações”, alega Severina. Deixar que as pessoas fiquem dentro do Fórum para, ao menos, evitar o sol é proposta descartada. “O hall do prédio se destina aos membros do tribunal do júri, não podemos enchê-lo de gente por uma simples questão de segurança”, justifica, ao destacar que há apenas 17 policiais militares para cuidar das entradas, garagens, do próprio tribunal do júri e das salas de audiência.

Procurado pela reportagem do **Correio**, o diretor do Fórum, José Gerardo, afirma que a casa segue determinações elaboradas pela equipe administrativa, com base em resoluções do TJDF. Tanto a porta giratória quanto o sistema de identificação podem retardar a entrada das pessoas no prédios, mas foram adotados por medidas de segurança. Enquanto isso, as filas continuam.